

ESTUDO ACERCA DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO PRESENTES NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS JUVENIS

Luciana da Silva Oliveira – mestranda, PUC Minas

1. Introdução

A pesquisa aqui apresentada, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e desenvolvida no Programa de Pós Graduação da PUC Minas tem como tema as manifestações artístico-culturais juvenis como potencializadoras de processos de produção de subjetividade, focando a investigação na atividade teatral. Seu objetivo principal é investigar os processos de subjetivação na atividade teatral desenvolvida na Murion Cia. de Teatro, do município de Padre Paraíso, localizado na região do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

O desejo e a necessidade de estudar essa atividade teatral advêm da minha experiência no programa Pólos de Cidadania. O Pólos de Cidadania é um programa interinstitucional com sede na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais que visa aliar atividades de ensino, pesquisa e extensão com o objetivo de promover a inclusão e a emancipação de grupos sociais com histórico de exclusão e trajetória de risco. O Programa é constituído por projetos orientados por eixos temáticos, que podem ser renovados ou recriados de acordo com demandas de interesse público formuladas diretamente por comunidades ou instituições parceiras. Partindo da minha experiência de trabalho nesse Programa, em que acompanhei atividades produtivas e artísticas de alguns grupos em situações de vulnerabilidade social na microrregião do Médio Vale do Jequitinhonha, me deparei com um cenário amplamente diversificado, marcado tanto por baixos indicadores sociais (que denunciam problemas estruturais que fazem parte do cotidiano dos moradores), quanto pela exuberante riqueza artístico-cultural local (expressa principalmente por cantigas e folclores populares, artesanato, grupos de teatro e outros)¹.

Entre os vários problemas sociais, me chamou atenção a situação de vulnerabilidade dos jovens da região. Tal situação parece resultante de um contexto bastante complexo, no qual se articulam a falta de equipamentos públicos, a pobreza em que vive grande parte das famílias da região, a fragilidade das economias locais, entre outros, e favorece a proliferação de atividades marginais, como o subemprego, a exploração sexual infanto-juvenil e o tráfico e

¹ Esta região situa-se ao norte do estado de Minas Gerais; as principais cidades em que pude constatar essa realidade são Itaobim, Padre Paraíso, Medina e Ponto dos Volantes.

consumo de drogas ilícitas. No entanto, é possível observar, mesmo nesse contexto, a possibilidade de construção de espaços e alternativas a essas ausências locais; uma delas é a atividade teatral desenvolvida pelos jovens da Murion Cia. de Teatro, no município de Padre Paraíso, desde 2006.

Entendo que o teatro permite que os jovens da companhia abordem essa realidade multifacetada do Vale do Jequitinhonha a partir de uma perspectiva que estimula não somente a criação e emergência de novas linguagens e simbolização, mas também a inserção de temas de interesse legítimo da comunidade em que os jovens se inserem, estendendo a possibilidade de elaboração, ressignificação e debate dessas temáticas para toda a comunidade local, criando, pois, condições concretas de transformação social.

Dessa maneira, o estudo das manifestações culturais juvenis em geral, e do teatro em particular, abordados enquanto processos de revolução molecular é de extrema relevância não só do ponto de vista teórico, mas, principalmente, do ponto de vista político-social. Isso porque nos coloca em contato com novos elementos para (re)pensar a inclusão social da juventude em situação de exclusão, além de problematizar como esses jovens elaboram um sentido para a atividade artística dentro da sociedade capitalista; quais são as suas demandas, expectativas e as transformações que julgam necessárias. Nesse sentido, acreditamos assim estar contribuindo para estudos sobre o tema, ampliando as possibilidades sobre a juventude e os efeitos da arte no cotidiano.

2. Da subjetividade e dos processos de subjetivação

Entendo processos de subjetivação como revoluções moleculares que permitem o deslocamento da subjetividade por forças externas ao sujeito e que estão também presentes nas manifestações culturais. O que Félix Guattari e Suely Rolnik denominam “revoluções moleculares” são processos de diferenciação permanente, processos de reapropriação da subjetividade, na “[...] tentativa de produzir modos de subjetivação originais e singulares, processos de singularização subjetiva”². É preciso salientar que esses processos são também considerados movimentos de resistência: resistência contra os modos dominantes de produção de subjetividade na atualidade. Neste contexto, emerge uma leitura própria da subjetividade, também abarcada em sua processualidade e complexidade. Por contraposição à ideia de um modo padronizado e universal de produção de subjetividade, o presente trabalho adota a ideia de que o que existe são infinitos e heterogêneos processos de produção de subjetividade livre,

² GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely, 1986, p. 45.

produtiva, desejante e revolucionária. Tais processos são absolutamente contingentes, conectados a cada momento, lugar e conjuntura, e geram sujeitos singulares nas margens de cada acontecimento. Essa perspectiva se contrapõe a um modo de produção de sujeito universal e eterno.

Trata-se, então, de uma conceituação esquizoanalítica de sujeito, que busca superar reducionismos e sustenta uma relação imanente entre o interno e o externo, indivíduo e cultura. Assim, subjetividade é entendida como “[...] emergência histórica de processos, não determinados pelo social, mas em conexão com os processos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos, midiáticos, ecológicos, urbanos, que participam de sua constituição e de seu funcionamento”³. Como propõem Deleuze e Guattari, a noção de causalidade é substituída pela de concomitância, de conexão rizomática, e ao invés de adotar a noção de interioridade identitária é adotada a de processualidade em mutabilidade contínua, e também a ideia de multiplicidade de sua constituição, a partir da exterioridade. Segundo Ferreira Neto é nesse sentido que a expressão “processos de subjetivação” atende melhor a esse enfoque, do que a tradicional ideia de sujeito ligado à condição estática e imutável de essência, uma vez que a compreensão esquizoanalítica de subjetividade é muito mais como processo do que como estrutura⁴.

Desse modo, o que temos são processos de subjetivação que se constituem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e os seus contornos seriam apenas uma resultante. A subjetividade se configura e reconfigura assim num processo inseparável do fora que alimenta e sustenta a realidade, como salientam Parpinelli & Souza⁵.

As considerações abaixo, feitas por Rolnik sintetizam bem a noção de subjetividade aqui adotada:

O contorno de uma subjetividade delinea-se a partir de uma composição singular de forças, um certo mapa de sensações. A cada novo universo que se incorpora, novas sensações entram em cena e um novo mapa de relações se estabelece, sem que mude necessariamente a figura através da qual a subjetividade se reconhece. Contudo, à medida em que mudanças deste tipo acumulam-se, pode tornar-se excessiva a tensão entre as duas faces da subjetividade - a sensível e a formal. Neste caso, a figura em vigor perde sentido, desestabiliza-se: um limiar de suportabilidade é ultrapassado. A subjetividade tende então a ser tomada por uma inquietude que a impele a tornar-se outra, de modo a dar consistência existencial para sua nova realidade sensível⁶.

³ FERREIRA NETO, João Leite, 2011, p. 57.

⁴ *ibidem*.

⁵ PARPINELLI, Roberta Stubs; SOUZA, Edmilson Wantuil Freitas de, 2005.

⁶ ROLNIK, Suelly, 1999, p. 206.

Essas considerações de Suely Rolnik nos remetem às ideias de processos de territorialização/desterritorialização, desenvolvidas por Félix Guattari. Para entender tais processos partimos da noção de território desenvolvida por este mesmo autor:

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um espaço percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos⁷.

Como enfatizam Haesbaert e Bruce, esse conceito de território é amplo por tratar-se de um agenciamento, extrapolando o espaço geográfico⁸. De fato, o território comporta também dimensões subjetivas e não somente espaciais e sociais, compreendendo a subjetividade também como a capacidade de ser afetada pelo fora, examinada acima. Vale lembrar que a subjetividade se apresenta como um processo, afetando e sendo afetada pelas forças exteriores que, por sua vez, a desestabilizam e possibilitam que agenciamentos se estabeleçam e assim se construam novos territórios. Esse processo se dá através da territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Assim, se a construção de territórios se dá por meio de agenciamentos, e considerando que tudo pode ser agenciado, tudo também pode ser desterritorializado e reterritorializado:

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais⁹.

Nesse sentido, podemos dizer que a desterritorialização é o movimento de abandono do território, “[...] é a operação de linha de fuga” e a reterritorialização é o movimento de construção do território¹⁰. Ou seja, no primeiro movimento os agenciamentos se desterritorializam e no segundo eles se reterritorializam como novos agenciamentos. Assim, vale enfatizar que para Deleuze e Guattari “[...] a desterritorialização e a reterritorialização

⁷ GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323.

⁸ HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco, 2002.

⁹ GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.323.

¹⁰ *ibidem*, p.324.

são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, teremos também um movimento de reterritorialização”¹¹.

É nesse sentido que se insere a discussão sobre a atividade teatral neste trabalho. Aqui, o teatro é entendido na sua processualidade, ou seja, enquanto dispositivo de produção e (re)invenção de subjetividades, que carrega o potencial de romper com modos hegemônicos da sociedade contemporânea. Levando em consideração um dos postulados do dramaturgo Bertolt Brecht, o teatro possibilita a inserção de múltiplas temáticas nas comunidades, para que possam ser debatidas, ressignificadas e reapropriadas, enfocando de forma inovadora problemáticas diversas inerentes à produção de realidades, sejam elas de ordem social, econômica, política ou afetivas, além de trazer para a sua linguagem todas as manifestações culturais e artísticas que retrata¹². Assim, além de funcionar como um poderoso instrumento de diversão pode-se considerar o teatro uma valiosa ferramenta de mobilização, reflexão e consequente transformação social, a partir das *desterritorializações* e *reterritorializações* subjetivas que ele é capaz de desencadear.

Portanto, o presente estudo, ao colocar em evidência a possibilidade de produção de modos de subjetivação plurais por meio do teatro, convida-nos a *cartografar* as implicações políticas de tais processos nos trânsitos de mundo e trajetórias singularizadas praticadas por jovens em situação de vulnerabilidade social envolvidos com a atividade teatral. Em outras palavras, trata-se de acompanhar as ações culturais juvenis (mais especificamente o teatro) como possibilidade de intensificação de microprocessos revolucionários ou revoluções moleculares, abarcando a possibilidade de produção não só de uma vida coletiva pautada na construção de processos de subjetivação dentro desses grupos, mas também na possibilidade de desencadeamento de novos modos de vida para si próprios, ao acarretar novos processos de percepção e de sensibilidade tanto no campo material como no campo subjetivo.

3. Da pesquisa-intervenção cartográfica

Em contraposição a suposta neutralidade das concepções tradicionais de pesquisa em ciências humanas e sociais, marcadas pela dicotomização das relações sujeito-objeto e teoria-prática, a pesquisa-intervenção, pretende lidar com novas formas de produção de conhecimento entrelaçadas com o trabalho coletivo e com ações institucionais, afirmando outros parâmetros de investigação. Essa modalidade de pesquisa, advinda do movimento da

¹¹ HAESBAERT; BRUCE, 2002.

¹² BRECHT, Bertolt, 2005.

análise institucional, é defendida por estudiosos que se negam a afastar conhecimento científico de ação política, e, portanto, que questionam o modelo positivista de ciência, sustentado pela razão, pela objetividade/neutralidade, pela quantificação e generalização, pela busca da verdade, dentre outros. Segundo Paulon, evidencia-se que não se trata apenas da inclusão do pesquisador no campo de suas observações, conforme promulgado pelas pesquisas-participantes de maneira geral, nem parece suficiente problematizar a relação pesquisador-campo, mas sim aprofundar, também, as concepções de subjetividade e ciência com as quais essa concepção se orienta ¹³.

Nesse sentido, para rastrear o campo de forças e os territórios que compõem nosso objeto de estudo adotamos como opção metodológica a pesquisa-intervenção cartográfica, também chamada de cartografia, que surge como um método de pesquisa proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari para estudar a processualidade da subjetividade e de seu processo de produção. Kastrup destaca que não se trata de um conjunto de regras prontas para serem aplicadas, mas sim da exigência de uma construção que necessita da habitação do território pesquisado e a implicação do pesquisador no trabalho de campo ¹⁴.

Mairesse enfatiza que a cartografia envolve o pesquisador em uma reflexão intensa acerca do que é a pesquisa, qual o significado de fazer pesquisa e quais as implicações do pesquisador nesta tarefa ¹⁵. A partir daí, são questionados os fundamentos da pesquisa científica e todo o paradigma moderno que embasa esses fundamentos na busca da constatação de fatos e da sustentação da verdade. Desse modo, a cartografia desenrola-se como um dispositivo que desconstrói o modo de pesquisa tradicional em que sujeito e objeto ocupam posições distintas, e promove uma importante discussão teórica acerca do fazer e da metodologia de pesquisa. Assim, Mairesse afirma que a cartografia participa e desencadeia um processo de desterritorialização na ciência para introduzir uma nova maneira de produção do conhecimento, envolvendo a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador e cartógrafo ¹⁶.

Indo nesse mesmo sentido, Romagnoli afirma que a cartografia vai contra o reducionismo, constituindo-se como uma valiosa ferramenta de investigação para abarcar a complexidade, a indeterminação que a acompanha, problematizando e investigando o coletivo de forças em cada situação ¹⁷. Porém, a autora enfatiza que, mais do que procedimentos

¹³ PAULON, Simone Maineri, 2005.

¹⁴ KASTRUP, Virgínia, 2008.

¹⁵ MAIRESSE, Denise, 2003.

¹⁶ *ibidem*.

¹⁷ ROMAGNOLI, Roberta Carvalho, 2009.

metodológicos delimitados, a cartografia é uma forma de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com seu campo. Nesse sentido, segundo Amador e Fonseca a cartografia apresenta-se como procedimento de pesquisa que demanda do pesquisador posturas específicas, já que o convoca para um exercício cognitivo particular por estar voltado para o desenho de um campo problemático, que exige uma cognição com maior capacidade de invenção do mundo ¹⁸. Segundo as autoras, trata-se de uma invenção que só se torna possível pelo encontro fecundo entre pesquisador e campo de pesquisa, por meio do qual o material pesquisado não é coletado, mas sim produzido, já que surge de um ponto de contato que envolve um deslocamento do lugar de pesquisador como aquele que vê seu campo de pesquisa de certo modo ao lugar em que ele se vê forçado a pensar e a ver diferente, no mesmo instante em que o que é visto e pensado se apresenta à sua visão.

Kastrup enfatiza que o campo de investigação também se constitui espaço concreto de intervenção, com o objetivo de acionar processos coletivos de produção de subjetividade ¹⁹. Trata-se, pois, de uma produção coletiva de conhecimento, numa abordagem que considera que sujeito e objeto não são dimensões prévias ao conhecimento, sendo abarcados de forma recíproca e indissociável, constituindo-se uma crítica do modelo de representação de uma realidade pré-existente durante o processo de construção do conhecimento. Importante dizer que o desafio da construção coletiva do conhecimento requer sermos sensíveis às atitudes, gestos e falas dos sujeitos pesquisados, para que eles possam se tornar efetivamente participantes da pesquisa e não meros objetos desta.

Levando em conta todos esses desafios, a presente cartografia fez uso de diferentes procedimentos de coleta de dados e intervenção como visitas para o acompanhamento de algumas atividades do grupo, observação participante, grupos de discussão, história oral do grupo e entrevistas semi-estruturadas com os jovens participantes do grupo, o monitor deste e os pais destes jovens. A pesquisa também fez uso de registros fotográficos e de registros em diário de campo.

4. Murion Cia. de Teatro: teatro e vida

A existência de diferenças culturais e as desigualdades dos contextos sociais contemporâneos, marcados pela multiplicidade de universos que se entrelaçam numa trama social dinâmica e mutável, afetam de diferentes modos os anseios e dilemas vividos na experiência da juventude, engendrando diversas maneiras de se produzir como jovem. Isso

¹⁸ AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Maria Galli, 2009.

¹⁹ KASTRUP, 2008.

significa que a construção e expressão de subjetividades juvenis apresentam sentidos e significados altamente diversificados no cenário contemporâneo, de modo que hoje é comum falar-se em “juventudes”, no plural, colocando-se em evidência essa diversidade presente na categoria.

No caso de jovens em contexto de vulnerabilidade social, um conjunto bastante heterogêneo de fatores e forças - como é o caso da exclusão, preconceito, violência, miséria e discriminação – atuam, afetando e intensificando de modo particular os anseios e dilemas que os atravessam. Nesses contextos marcados pela vulnerabilidade, acredito que as linguagens artísticas e culturais praticadas por esses jovens muitas vezes funcionam tanto como produto quanto também como produtores de modos de subjetivação de suas vivências sociais e construções de mundo, funcionando como verdadeiras *revoluções moleculares*, no sentido exposto anteriormente. Tive a oportunidade de conhecer uma prática teatral desse tipo enquanto trabalhava como técnica social em alguns projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos no Vale do Jequitinhonha, pelo Programa Pólos de Cidadania. Conforme já foi dito, trata-se da atividade teatral desenvolvida pelos jovens da Murion Cia. de Teatro, no município de Padre Paraíso, desde 2006.

Com a ajuda de Artur, como facilitador/coordenador - também considerado membro efetivo do grupo por sua participação como ator nos espetáculos da companhia -, o grupo se organiza internamente por meio de uma relação horizontal e dialógica, que envolve a participação ativa dos jovens nos processos de tomada de decisão relativos a toda organização e funcionamento da companhia de teatro²⁰. Os jovens são responsáveis pela própria produção e mobilização da comunidade para os espetáculos, e tal envolvimento legítimo proporciona o reconhecimento desses jovens como verdadeiros atores sociais. O espaço do grupo também possibilita que os desejos, os dilemas e as perspectivas diferenciadas dos jovens sejam manifestados e negociados, demonstrando a invenção de uma lógica social e política capaz de potencializá-los. No que se refere aos processos de subjetivação dos jovens, acredito que a dinâmica grupal da Murion Cia. de Teatro favorece a passagem da heteronomia para a autonomia, e o desenvolvimento de uma nova atitude política, que ultrapassa os limites do cumprimento de um conjunto de normas, do apenas correto, tomando decisões a favor das diferenças que ajudam a criar “novos modos de existência”, e, porque não, “novos tipos de sociedade”, como pontua Rolnik²¹.

²⁰ No que se refere aos participantes dessa pesquisa, a fim de preservar a identidade dos informantes, todos os nomes mencionados nesse trabalho são fictícios.

²¹ ROLNIK, Suely, 1994.

Nesse sentido, percebemos que a dinâmica grupal da Murion Cia. de Teatro extrapola o que Benevides de Barros chama de “[...] um certo modo de funcionamento capitalístico” em que há a predominância de “[...] representações universalizantes e totalizantes”, prevalecendo a multiplicidade e a provisoriedade, mesmo que em alguns momentos funcionem também do primeiro modo ²². Nesse caso, o grupo deixa de ser a maneira como os indivíduos se organizam para constituir-se um dispositivo, catalisador da existência que carrega a possibilidade de produzir focos mutantes de criação.

A noção de dispositivo é trabalhada por Deleuze e refere-se a

[...] um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direcção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações. Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vectores ou tensores ²³.

O que é importante nessa perspectiva é pensar em termos de movimentos e vetores, na tentativa de rastrear o que acontece “entre”, perseguindo as intercessões. Desse modo, pensar o grupo produzido como dispositivo analítico possibilita que ocorram descricalizações de lugares e papéis que o sujeito-indivíduo constrói e reconstrói em suas histórias ²⁴. Assim,

se tomarmos o grupo como dispositivo, acionamos nele sua capacidade de se transformar, se desterritorializar, irromper em devires que nos desloquem do lugar intimista e privatista em que fomos colocados como indivíduos. O contato com a multiplicidade pode então fazer emergir um território existencial não mais da ordem do individual [...] mas da ordem do coletivo. Instaurar rupturas nas tendências totalizadoras, unificadoras e naturalizadoras abre possibilidades para novos processos de singularização. É aqui, acreditamos, que o grupo-dispositivo pode atuar como máquina de decomposição, a começar pela decomposição de sua pretensa unidade ²⁵.

É essa dinâmica grupal composta por devires e processos, e que não almeja totalização e o equilíbrio, mas sim a constante irrupção do inesperado no naturalizado, produzindo rupturas com o modo de produção de subjetividades capitalísticas, que acreditamos perpassar as atividades da Murion Cia. de Teatro. Dinâmica imanente que ora pende para modos estabelecidos, ora para processos de subjetivação inventivos.

²² BENEVIDES DE BARROS, Regina Duarte, 1994, p. 151.

²³ DELEUZE, Gilles, 1996, p.1.

²⁴ BENEVIDES DE BARROS, 1994.

²⁵ *ibidem*, p.152.

Destaca-se ainda na Murion Cia. de Teatro a presença de um debate e envolvimento político, por parte de seus integrantes, com as situações que envolvem a realidade onde se encontram e que parece ser algo que desde o início do grupo esteve presente. Nesse sentido, outros grupos culturais, lideranças e até instituições da comunidade, como a escola, reconhecem esse posicionamento político-social ativo dos jovens do grupo durante diferentes discussões e debates, e atribuem essa postura dos jovens a influência do coordenador Artur, chegando a denominar esses jovens de “os menininhos de Artur” em momentos em que os jovens reivindicavam algo. No entanto, para além da possível influência de Artur e mesmo das esquetes educativas que abordam temáticas diretamente ligadas a questão política, é importante dizer do caráter político intrínseco à arte, conforme Rocha e Kastrup discutem, fazendo referência a Rancière:

Rancière esclarece o caráter político da arte, entendida como prática estética: a arte não é política no sentido transmissão de mensagens, como meio de divulgação de palavras de ordem, planfetarismo, pregação ou messianismo. A estética política não se faz por uma estetização da política – sua captura pela unicidade de sentido, pela totalização da experiência, como usada nas campanhas do fascismo. A arte é política mesmo antes de qualquer tentativa nesse sentido, mesmo quando pretende se afastar radicalmente de qualquer intervenção social, de qualquer compromisso, qualquer aliança ²⁶.

Assim, a ideia de uma política da arte “[...] independe mesmo da vontade do artista de refutá-la ou de fazê-la servir a uma causa política” ²⁷. No teatro o político está relacionado com a participação na construção do sensível comum, quando em suas narrativas fictícias é produzido o embaralhamento das legitimidades, das identidades, das atividades e dos espaços, levando-nos a pensar numa reconfiguração do comum, uma repartilha do social. “O próprio momento do encontro entre palco e plateia promove essa partilha, essa reconfiguração da experiência política e sensível” ²⁸.

Com relação ao contexto social e cultural em que os jovens da Murion Cia. de Teatro vivem, percebemos que se trata de um contexto limitado em que prevalece a reprodução de modos de ser e de viver na esfera social, cultural e familiar: o predomínio é de uma cultura massificadora, marcada pelo preconceito, desrespeito e violência com a singularidade do outro, enquadrando permanentemente, fortalecendo as hegemonias e excluindo a diferença.

No entanto, esse contexto predominante também guarda surpresas. Pequenas e cotidianas surpresas repletas de potência e de inventividade. São os bons encontros, como o

²⁶ ROCHA, Tatiana Gomes da; KASTRUP, Virgínia, 2008, p.99.

²⁷ ibidem, p.99.

²⁸ ibidem, p.100.

dos jovens do grupo com outros atores sociais (por exemplo, o próprio Artur, oficinairos da região e professores, técnicos sociais e estagiários do meio acadêmico ou de organizações não governamentais). Nessas ocasiões emergem conexões criativas e novas invenções com a alteridade dentro de um universo de referência eticamente heterogêneo em que são construídas relações em maior ou menor nível de profundidade. Esses bons encontros proporcionados pela abertura para o outro, para o diferente, são modalidades de convivência que compõem os corpos desenvolvendo suas potencialidades e tornando-os mais ativos.

O próprio grupo é espaço desses bons encontros, envolvendo também muito aprendizado, que os próprios integrantes do grupo, relatam que dificilmente teriam em outras situações ou locais, por exemplo, na própria escola. E pelo relato dos integrantes do grupo, esse aprendizado está relacionado a diferentes situações que o grupo já passou, principalmente aquelas mais difíceis de serem enfrentadas. Assim, devido ao aprendizado proporcionado, alguns integrantes do grupo encaram as dificuldades que surgem na trajetória da companhia como positivas:

[...] politicamente a gente aprende, cresce, e tem outra visão também sobre essas coisas, sabe? [...] então é bom isso também pra gente aprender, pra gente criar força, pra aprender a lutar pelos nossos direitos também, que é coisa que a gente... Assim, principalmente em Padre Paraíso, todo mundo tem muito isso, não sabe lutar pelos direitos, acha que lutar é você chegar na porta, gritar e não, na verdade não é isso. Lutar é saber lutar pelos direitos, então... Então, eu aprendi esse ano com o Murion, sabe, que eu também achava que era só você chegar na porta da prefeitura e fazer uma rebelião, e não é assim. Assim, do que eu aprendi, eu acho que lutar pelos direitos da gente começa com a gente sabendo o que que a gente tá fazendo, se a gente tem direito aquilo mesmo e saber por onde começar lutar, porque que, porque que eu tenho que fazer isso? E você tem de ter muito convencimento de si mesmo pra você convencer as outras pessoas. Então você tem que ter consciência do que você pode, do que você não pode, do que você deve, do que você não deve. Então você tem de ter consciência dos seus direitos e dos seus deveres como cidadão. Então, acho que o Murion me ensinou muito isso, e ainda tenho que aprender muito, que é essa questão de que lutar você tem de saber o que que você tá fazendo²⁹.

Para além do aprendizado, os integrantes do grupo apontam várias outras mudanças em suas vidas a partir da entrada no grupo de teatro:

João: Antes ninguém me aguentava no sentido de paciência, que eu era bagunceiro. Aí agora, graças ao teatro, eu tenho melhorado...

Lu: Mas porque você acha que 'graças ao teatro'?

João: Ah, pelas coisas que ele proporciona, tipo, tá proporcionando a gente a pensar em outro jeito de pensar, tá pensando o que que você vai querer pra sua vida...³⁰

²⁹ Marina. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no município de Padre Paraíso em 26 maio 2012.

³⁰ João. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no município de Padre Paraíso em 24 maio 2012.

Claudia também fala um pouco das mudanças que percebe em sua vida a partir do teatro:

A primeira coisa assim que eu percebo muito é a questão familiar, sabe, como é que eu estou atuando na minha família. Porque, tipo, lá em casa é muitas mulheres, sabe?! Lá em casa [...] A gente é, com minha mãe, sete. São seis meninas e eu sou mais velha e tal. Aí, tipo assim, a gente sempre brigou muito, sabe, por besteirinhas, mas sempre brigou muito. Eu discuti muito com minha mãe. [...] Eu vejo que mudou muito! Até a maneira de eu conversar com minha mãe, tipo, quando tem algum problema, sabe, não conversar brigando e tal, xingando não... A gente chega, tipo, eu mesmo chego e falo "mãe, eu tenho uma coisa pra conversar com a senhora", só eu e ela, fora das minhas irmãs e tal, que às vezes não entende direito. Então já mudou muita coisa. Em questão, com a minha família já mudou, a minha relação com o pessoal do bairro, o pessoal do bairro já confia mais em mim. Esse trabalho de dança, toda vez que eu faço esse trabalho, sabe, eles tá ali pra dá aquele apoio, antes não tinha isso. Minhas colegas também. É a questão da confiança, sabe?! De que o pessoal passou a tá confiando em mim³¹.

Edson, ex-integrante do grupo, aponta as seguintes mudanças:

[...] percebo muitas mudanças! Eu sempre gostei de apresentar, mas eu era uma pessoa muito tímido assim, sabe, eu não falava em público, assim, só caso de apresentação mesmo. Na sala de aula também era retraído assim, tudo era eu sozinho, não gostava muito de, eu não tinha muito contato com as pessoas, sabe? Aí depois do grupo, vixê, nossa, fluiu tão bem! Questão de apresentação na frente, assim. Sempre nos grupos eu queria apresentar, sabe? Aí já mudou totalmente minha personalidade, assim... O contato com as pessoas, o diálogo, nossa! E assim, até questão de tá reparando as coisas, questão social, nossa, mudou muita coisa assim, sabe? Assim, de questões de entendimento das coisas que eu via. Sabe, assim, de, de... Igual assim, aqui no projeto a gente tem muita é... campanhas, questão do 18 de maio, da exploração, o que que é exploração sexual? Porque isso? Sabe? Questão de preconceito do homossexual, porque isso? Pra que isso? Essas questões sociais assim. Isso, isso pra mim ficou muito claro. Eu acho que o grupo trouxe de positivo! [...] A gente sempre trouxe pro grupo, a gente tentar ver o diferente. Sabe, trazer essas discussões, mas, assim, a gente, esse preconceito que a gente já trazia da sociedade, a gente deixá um pouquinho e tentar abrir o leque de informações, abrir essa questão pra gente ver quais pontos ali, pra gente tentar entender esse tipo de coisa que acontece. Eu acho que essas discussões que era feita dentro do grupo pra mim foi crucial, assim, pra minha personalidade, pra ser o que eu sou hoje, sabe?³².

Esses relatos dos jovens do grupo colocam em evidência processos de deslocamento da subjetividade por forças externas aos sujeitos, no caso, forças diretamente ligadas ao teatro, à Murion Cia. de Teatro, ao que circula entre o grupo nos ensaios e nas apresentações. Trata-se do que apresentamos no primeiro capítulo como processos de singularização subjetiva, também considerados formas de resistência aos modos hegemônicos de produção de

³¹ Claudia. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no município de Padre Paraíso em 27 maio 2012.

³² Edson. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no município de Padre Paraíso em 24 maio 2012.

subjetividade. No caso, a capacidade da subjetividade ser afetada pelo “fora” a desestabiliza, possibilitando que agenciamentos se estabeleçam e novos territórios sejam construídos. São os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

É importante ainda dizer que não são apenas os jovens integrantes do grupo que sentem mudanças em suas vidas a partir do teatro. Artur, o coordenador do grupo, também percebe diferentes mudanças em sua vida a partir do teatro, principalmente no âmbito pessoal/familiar, no artístico, no político e no profissional.

Para além dessas mudanças não decorrentes unicamente do grupo de teatro dentro de uma relação simples de causa-efeito, mas sim das conexões simultâneas do teatro com outros elementos da vida e do contexto desses jovens, vale destacar a importância do grupo como um espaço de diálogo e de discussões diversas, que pode atuar como para revolução molecular, no sentido de permitir o deslocamento da subjetividade dos jovens.

5. Considerações Finais

Conforme apresentado e discutido, os resultados iniciais da presente pesquisa revelaram o contexto de exclusão social em que vivem os jovens de Padre Paraíso e a importância da atividade teatral desenvolvida pela Murion Cia. de Teatro.

Nesse sentido, a meu ver, a importância do grupo de teatro está exatamente na possibilidade que ele carrega de produzir o que Deleuze e Guattari denominam agenciamentos. Segundo a conceituação desses autores “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”³³. Ou seja, “[...] quando dois ou mais elementos se conectam, eles não apenas se complementam, eles constituem um novo elemento, com uma nova forma e uma nova intensidade, prontos a se modificarem novamente”³⁴. Assim, alude-se a compreensão dos fenômenos como sistemas abertos em comunicação com outros sistemas abertos, no caso, o grupo de teatro em conexão com diferentes sistemas que presentes no cotidiano dos jovens, como, por exemplo, a família e a escola.

Essas novidades produzidas por meio de agenciamentos entre elementos heterogêneos estão diretamente ligadas aos processos de reinvenção de modos de ser e de viver, aos processos de deslocamento da subjetividade.

Ao apostar na possibilidade de mutabilidade e diversidade dos processos de subjetivação, a presente pesquisa busca dar visibilidade às forças que perpassam a criação

³³ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix, 1995, p.16.

³⁴ PARPINELLI; SOUZA, 2005, p. 482.

teatral, sobretudo como fortes aliadas na luta da subjetividade contemporânea por novas possibilidades de vida, novos sentidos de mundo numa perspectiva de resistência inventiva aos processos de subjetivação hegemônicos da atualidade.

Enfim, as pistas iniciais dessa pesquisa indicam a potência que o teatro, e de uma maneira mais ampla as manifestações artístico-culturais, carregam de dialogar com a diferença, com outras possibilidades de vida, conectando desejo e produção num processo de produção de vida singular e múltipla. Ou seja, de um modo geral, a aposta é na arte como dispositivo privilegiado para a produção de subjetivação e modos de existência criativos e transformadores.

6. Referências Bibliográficas

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Maria Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672009000100004&script=sci_arttext>. Acesso em 14 fev. 2012.

BENEVIDES DE BARROS, Regina Duarte. Grupo e produção. **Saudelocura**. São Paulo: Hucitec, v. 4, p. 145-154, 1994.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo**. Lisboa, 1996. Disponível em: <<http://www.ufes.br/ppgpsi/>>. Acesso em: 16 maio 2012 .

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1837 – Acerca do ritornelo. In: _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, v. 4, cap. 11, p. 115-170.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, v. 1, cap. 1, p. 11-37.

FERREIRA NETO, João Leite. Subjetividade e território: para além da interioridade. In: FERREIRA NETO, João Leite. **Psicologia, Políticas Públicas e o SUS**. Belo Horizonte: Fapemig, 2011, p. 51-76.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Geographia**. Niterói, v. 7, 2002.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, Lucia Rabelo; BESSET, Vera Lúcia (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 465-489.

MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes (orgs). **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003, p.259-271.

PARPINELLI, Roberta Stubs; SOUZA, Edmilson Wantuil Freitas de. Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p.479-487, set./dez 2005.

PAULON, Simone Maineri. A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v.17, n. 33, p. 18-25, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 nov. 2011.

ROBINSON, Patrícia Genro. Cartografando a onda *teen*. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes (orgs). **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003, p.307-318.

ROCHA, Tatiana Gomes da; KASTRUP, Virgínia. Partilha do sensível na comunidade: interseções entre psicologia e teatro. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.13, n.2, p.97-105, maio/ago. 2008.

ROLNIK, Suely. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). **A Cidadania em Construção: uma Reflexão Transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 157-176.

ROLNIK, Suely. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: **Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências**. SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque (Orgs.). Face e Fapesp: São Paulo, 1999, p. 206-221.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 2, ago. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 30 jan. 2012.